

É o apartheid que deve mudar

Tempo n.º 750
24 de Fevereiro
de 1995

● Afirma Allan Boesak na sua visita a Moçambique

Com posições inequívocas de condenação ao regime racista sul-africano, o reverendo Allan Boesak esteve no nosso país até esta semana, a convite da AMASP, tendo sido recebido domingo de manhã pelo Presidente Samora Machel.

O Secretário-Geral da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas e um dos principais líderes da Frente Democrática Unida (UDF), principal partido da oposição legal sul-africana não escondeu a sua satisfação por se encontrar na República Popular de Moçambique para participar na semana de solidariedade entre os povos dos dois países.

Boesak declarou em conferência de imprensa na capital do nosso País que as mudanças anunciadas pelo regime de Pretória são apenas cosméticas e que a nova constituição criada o ano passado como passo de transformação para a integração dos indianos e mestiços na vida política do país não tem qualquer validade e não discute os problemas reais do país, para além de ignorar a grande maioria negra da África do Sul.

O reverendo sul-africano referiu ainda que o novo parlamento de três câmaras raciais passava o seu tempo a discutir questões como o acesso de grupos raciais distintos às praias e piscinas, enquanto que o custo de vida real do país e o desemprego ameaçam

centenas de milhar de pessoas dentro da África do Sul.

«Os novos parlamentares sabem que não representam ninguém», afirmaria aquela alta personalidade que acrescentaria a total ausência de sentido de um parlamento que não tem presença legítima na sociedade sul-africana.

Referindo-se ao facto de acreditar que, sob pressões internacionais, o regime de Pretória possa vir a aceitar a ideia de uma quarta câmara para os negros do país, o reverendo Boesak considerou que essa seria igualmente uma solução inaceitável por continuar a estruturar a sociedade sul-africana em premissas raciais.

Para além de tal facto fundamental, o governo sul-africano conta com o apoio do chefe tribal Gatsha Buthelezi, cujas posições são bem mais em favor do regime do que do próprio povo de que se diz representante e interlocutor válido. «Ninguém que trabalhe dentro do sistema e receba dele legitimidade pode ser um autêntico representante do Povo sul-africano», afirmaria aos jornalistas o nacionalista sul-africano que adiantaria considerar Buthelezi como o Muzorewa do seu país.

Referindo-se aos seus contactos com religiosos de Moçambique, Allan Boesak adiantou que pediria apoio concreto para o arcebispo católico romano da África do Sul, Denis Hurley, o qual está a braços com acusações judiciais do regime de Pretória por ter denunciado as atrocidades dos militares da RAS na Namíbia.

Ao assinalar que o 25.º aniversário do massacre de Sharpeville (cometido a 21 de Março de 1960) passa em breve apelou para que todos os religiosos moçambicanos orem pelas vítimas inocentes que

No «Gil Vicente»,
Boesak
com Augusto
Macamo (à
esquerda), Abner
Sansão Muthemba
(abraçados)
e Jacob Zuma,
representante do
ANC sul-africano
em Maputo



nessa altura foram mortas pela polícia e tropas do regime de Pretória.

Boesak, para além de ter visitado o lugar em que foram mortos nacionalistas sul-africanos em 30 de Janeiro de 1981, na cidade da Matola, depositou uma coroa de flores nas suas campas, manifestando assim a sua solidariedade para com aqueles que têm que se exilar da sua terra para prosseguirem a luta ou mesmo fugirem à repressão e morte que o regime destina aos seus opositores mais activos.

PRETÓRIA DEVE ABANDONAR RECURSO À VIOLÊNCIA

Sobre a questão da recusa do líder Nelson Mandela aceitar a liberdade condicionada que o regime de Pretória tentava negociar em troca de concessões de princípio, como o abandono da via violenta para alcançar a liberdade na África do Sul, Allan Boesak considerou que «é o governo sul-africano quem deve abandonar a violência». O reverendo sul-africano e líder da Frente Democrática Unida aludia à declaração de Nelson Mandela (ver página 28 desta edição) tornada pública recentemente num subúrbio de Joanesburgo em que o dirigente do Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul recusava ser posto em liberdade enquanto não houvesse liberdade para os seus compatriotas e Pretória não reconhecesse legalmente o seu movimento de libertação. Recorde-se que, posteriormente, outros líderes daquele movimento, presos há cerca de 20 anos com Mandela, recusaram igualmente esta proposta do presidente Pieter Botha por a considerarem como uma tentativa de divisão do ANC e ocultar os problemas reais do país.

É Pretória que deve desmantelar as leis discriminatórias vigentes no país e reconhecer a liberdade e igualdade de todos, tal é a posição do reverendo Boesak sobre as posições do regime de Pretória e das declarações daqueles líderes do ANC sul-africano, «porque só assim teremos um novo começo».

O dirigente religioso sul-africano,

“NUNCA MAIS ESQUECEREI ESTE DIA”

● Allan Boesak ao ser recebido pelo Presidente Samora Machel



«Bem-vindo a esta terra livre, a esta terra de independência e democracia, de justiça e igualdade». Foram estas as primeiras palavras que o Presidente da RPM, Marechal Samora Machel pronunciou ao receber na manhã do passado domingo o Reverendo Allan Boesak, um dos patronos da Frente Unida Democrática (UDF) da África do Sul que do dia 14 — Dia da Amizade e Solidariedade entre os Povos moçambicano e sul-africano — a 17 de Fevereiro, esteve em Maputo, a convite da AMASP.

O Marechal Samora Machel falou do apoio que a RPM tem concedido aos povos da Nicarágua, de El Salvador, à reunificação pacífica da Coreia, à luta do Povo maubere contra a invasão e ocupação indonésia de Timor-Leste — chamando neste ponto para «as responsabilidades de Portugal» — à luta dos palestinos.

— Em África, disse o Chefe do Estado moçambicano não precisamos de apoiar as lutas dos povos pela independência, paz e progresso. Somos parte dessas lutas.

Allan Boesak afirmou que «estou aqui para lhe dizer a si e ao seu povo que nós, na África do Sul, respeitamos imenso a vossa luta e que o povo combatente sul-africano aprecia altamente os laços de amizade e solidariedade que existem entre nós e o Povo moçambicano».

O Marechal Samora Machel felicitou então a luta dos sul-africanos pelo facto de terem definido os brancos como africanos. Mas eles é que negam ser africanos».

Quando se preparava para entrar no carro, a caminho do aeroporto, o Dr. Boesak disse ao Presidente da RPM: «Nunca mais esquecerei este dia e falarei dele ao meu povo».

no, que foi recebido pelo Secretário-Geral da AMASP, Abner Sanção Muthemba e pelo Secretário-Geral da Organização dos Trabalhadores Moçambicanos (OTM). Augusto Macamo, bem como por dirigentes religiosos do nosso país, manteve um encontro com o Ministro dos Negócios Estrangeiros da RPM, Joaquim Chissano.

Proferiu igualmente uma importante palestra no Teatro «Gil Vicente» com o concurso de centenas de pessoas que aí se deslocaram para o ouvirem falar sobre as realidades da África do Sul e das suas posições conhecidas internacionalmente por se oporem ao regime de Pretória de quem é um crítico intransigente. □